

ARTE HOJE



KARIME GARCIA

Tão belo quanto a arte, é presenciar alguém falar de seu trabalho com amor e paixão.

Assim falou Odila Mestriner.

O artista procura o diálogo através da exposição de seu trabalho. É um convite a uma conversa, uma tentativa de comunicação, de relatar o registro de uma realidade. A cor e a temática do trabalho atual de Odila é mais do que uma apresentação de sua cosmovisão. Ela coloca o próprio homem diante de si próprio. Seus espantalhos, como a vida, se defrontam com seu eterno dilema: viver e morrer. E essa verdade, exposta magicamente, que faz de seu trabalho uma mistura de sensual, colorido, doloroso e pungente. Brilhante, acima de tudo. Trabalha na série "espantalhos" há um ano e disse ter muito que expressar com eles! Segundo falou, o que a fascina e apaixona na arte é sua extensão, ser infinita. Descendente de imigrantes, acha que deles herdou a garra pelo trabalho. Atravessar um oceano não é nada fácil. Seu avô era artesão marmorista. Os espantalhos, Odila e eu batemos um longo papo. Também me rendi a eles.

M — Paixão pelo trabalho, amor eu sempre tive, Karime. Mas, agora, mais do que nunca. Acho que mesmo o camponês europeu, na sua simplicidade, tem e reflete uma tradição cultural que no Brasil não temos.

K — Odila, você acha que, para o artista, o Brasil nasceu ontem? Ou também o artista é criança no Brasil?

M — Não sei bem se colocaria a situação assim. Toda nossa cultura é importada. Não sei se poderia dizer que existe uma arte brasileira. A não ser a arte indígena, que é uma cultura sem influências externas. Toda nossa cultura, veja a Bienal, por exemplo, segue um padrão importado, não nosso.

K — Poder-se-ia dizer que a única arte verdadeiramente brasileira seria a indígena?

M — Culturalmente, sim. A arte é universal. Não que o artista tenha que pintar uma realidade nacional, mas tem que partir de sua realidade cultural e emergir para o universal. Volpi é um exemplo do que quero dizer e tantos outros que agora não me ocorrem. Acho que a finalidade do artista é essa: partir de si e alcançar o universal.

K — Odila, vamos falar um pouco mais dos espantalhos. O que eles significam?

M — A minha visão do espantalho é a própria visão do homem no mundo atual. Ele é um ser ambíguo, porque limitado, estático, tendo mais forças que atuam sobre ele e

dentro das quais, nada pode fazer. Ao mesmo tempo, é um ser ativo, vivo, em defesa da própria natureza. Os espantalhos representam a própria situação do ser humano. São os namoros, a vida em família, problemas sociais, afetivos, econômicos, psíquicos; enfim, toda a problemática que envolve a vida humana. Estou voltando agora a uma temática que deixei na década de 70, uma temática mais ligada ao ser humano. No final da década de 70, saí da série figurativa e explorei a natureza de todas as formas. Volto agora ao ser humano.

K — O que você acha do meio artístico de Ribeirão Preto?

M — Acho que Ribeirão tem um grande potencial cultural. Existem artistas produzindo muito e gente interessada em arte. Mas, acontece o que já aconteceu em São Paulo. Os especuladores de arte é que estão sempre determinando quem é bom ou não para o mercado. E nem sempre essa regra é válida em termos de mercado. Porque um artista que desenvolve um trabalho sério nem sempre é procurado para o mercado de arte.

K — Você acha, então, que o consumo de mercado pode fazer um artista se perder?

M — Acho que sim. Porque, se o artista ficar preocupado com a quantidade de obras a produzir, ele não poderá se ocupar com sua qualidade. O Chico da Silva é um exemplo disso.

K — O que podem os artistas fazer em relação a isso?

M — Isso é problemático. Acho que depende da consciência profissional e ambição de cada um.

K — Como é seu processo criativo?

M — Meu processo é sempre uma consequência do meu trabalho. A medida que termino uma tela, ela me leva a outra inspiração, a tentar outras soluções. É uma corrente interligada sem começo e fim. Sou muito racional em relação à estrutura do trabalho. Determino primeiramente a divisão dos espaços e, dentro desses espaços, acontecem as soluções formais das figuras, o jogo de cores e as texturas. E como um jogo construído peça por peça. Cada espaço possibilita uma leitura própria e essa leitura se completa no todo. E como se fossem vários assuntos com uma linguagem própria e no conjunto se interligam para que haja a obra completa. Estou há um ano trabalhando com espantalhos. E quero ainda falar muito com eles!!! E isso que me fascina e apaixona na arte. A sua extensão, amplitude, a nos jogar ao infinito!

K — Odila, o que virá depois?

M — Quem sabe, é difícil dizer. Quem vai determinar é a própria vida. Porque a arte não é mais do que vivência.